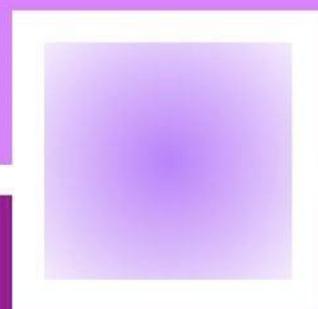
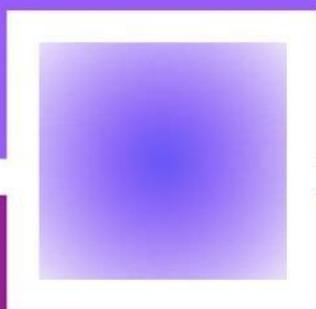
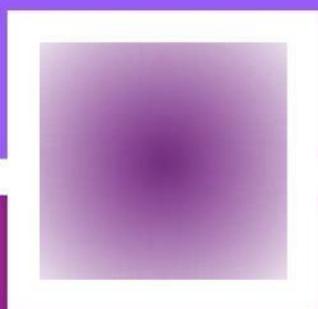


PEDAGOGIA



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Faculdade de Formação de Professores
Departamento de Educação

Vania Soares Guilherme

Família, escola e aluno: uma tríade em busca da Educação

São Gonçalo
2014

Vania Soares Guilherme

Família, escola e aluno: uma tríade em busca da Educação

Monografia apresentada a Faculdade de
Formação de Professores da
Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, para obtenção do grau de
licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lucia de Abrantes Fortuna

São Gonçalo
2014

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

G956 Guilherme, Vania Soares.
Família, escola e aluno: uma tríade em busca da Educação / Vania Soares Guilherme. - 2015.
32f.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Lúcia de Abrantes Fortuna.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Educação – Participação dos pais. 2. Cotidiano escolar. I. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores. II. Fortuna, Maria Lúcia de Abrantes. III. Título.

CDU 37.064.1

Vania Soares Guilherme

Família, escola e aluno: uma tríade em busca da Educação

Monografia apresentada a Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Aprovada em _____ de _____ de 2014.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Maria Lucia de Abrantes Fortuna - Orientadora
Faculdade de Formação de Professores - UERJ

Profa. Me. Mariza de Paula Assis
Faculdade de Formação de Professores - UERJ

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia à minha mãe, Maria Soares Guilherme (in memoriam), que me incentivou e me acompanhou no caminho da Educação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus filhos, José Victor e Victoria, que acompanharam de perto toda a minha trajetória na faculdade;

Aos amigos que construí no decorrer dessa caminhada, especialmente Jaqueline e Dulcineia;

Aos professores, que contribuíram com a minha formação, me ajudando a compreender os rumos da Educação e o quanto é prazeroso estudar Pedagogia;

A minha orientadora, Maria Lucia, que com dedicação e serenidade me fez ter segurança para concluir esse trabalho;

A Deus que me deu forças para seguir em frente;

Aos meus amigos Jane e Jorge que me fizeram acreditar que o meu sonho era possível;

Aos meus alunos, os que tive e que tenho, todos eles foram e são a inspiração para escolher a Pedagogia;

A teoria sem a prática vira 'verbalismo', assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade.

Paulo Freire

RESUMO

GUILHERME, Vania Soares. Família, escola e aluno: uma tríade em busca da Educação. 2014. 32f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Esse trabalho aborda a temática família - escola e a sua influência na vida escolar do aluno. Busca-se compreender ao longo do trabalho os novos arranjos de família, traçando uma análise histórica da construção desse conceito. Também se levanta abordagens feitas por autores sobre a defesa da relação família-escola e da melhoria que esse laço pode causar no aprendizado do aluno. Algumas experiências práticas vivenciadas na escola são analisadas para a reflexão de como essas relações acontecem cotidianamente. Também se enfatiza a importância do aspecto sociocultural na trajetória familiar do aluno e como isso pode facilitar a aquisição de conhecimentos em sala de aula.

Palavras-chave: relação família/escola – aluno – conhecimento - processo de aprendizagem – cotidiano escolar.

ABSTRACT

GUILHERME, Vania Soares. Family, school and pupil: a triad in search of Education. 2014. 32f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

This work addresses the theme family - school and its influence on the student's school career. We seek to understand throughout the work the new family arrangements, tracing a historical analysis of the construction of this concept. Also rises approaches made by authors on the defense of family-school relationship and the improvement that this bond can have on student learning. Some experienced in school practical experiences are analyzed for reflection of how these relationships happen daily. Also emphasizes the importance of socio-cultural aspect of family history of the student and how it can facilitate the acquisition of knowledge in the classroom.

Keywords: relation family / school - student - knowledge - learning process - school routine.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I. Breve análise sobre a família de ontem e de hoje	14
CAPÍTULO II. Abordagens e perspectivas pedagógicas sobre a família e a escola na caminhada do aluno	17
CAPÍTULO III. O professor e sua prática: buscando respostas	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

INTRODUÇÃO

A educação familiar remete a uma interpretação pessoal carregada de subjetividade, de experiências vividas, que se refletem na personalidade e nos modos de agir ou pensar no tempo presente. Descreverei um pouco sobre a minha trajetória familiar e escolar, os caminhos que me levaram a ser professora e a escolha pelo tema família e escola para a monografia.

Nasci e cresci no bairro Fonseca, da cidade de Niterói/RJ, num lar em que o respeito e a integridade eram valores essenciais para a família. Trabalhadores, meus pais sempre reservavam parte do tempo corrido para me ver crescer e ficavam felizes com o meu desenvolvimento na escola, o que contribuiu expressivamente na formação como professora (curso Normal no Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho¹).

No estágio, realizado em 1983 na própria escola, passei a observar com mais detalhes as crianças e suas formas de aprendizagem, assim como a relação entre os responsáveis e os professores. Percebi que o cotidiano familiar poderia ser mais bem aproveitado na escola para ajudar no desenvolvimento discente.

Quando me formei, no ano seguinte, tive a minha primeira turma de Educação Infantil, o Jardim III. Ainda era uma jovem de 18 anos, inexperiente, mas com muita vontade de ensinar e aprender com o exercício da profissão. Buscava lembrar tudo o que aprendi em sala de aula e às vezes me decepcionava por não alcançar o resultado que esperava com os alunos e com seus responsáveis.

Com o tempo de atuação em sala de aula, passei a entender que os caminhos da educação estão para além da escola e o professor deve ir além desse limite, assim pode entender melhor os rumos que deve tomar. Senti a necessidade em participar dos aniversários dos alunos; visitá-los quando estavam doentes e dessa maneira estabelecer uma relação de parceria com a família. Isso promoveu

¹ “O Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho teve sua origem com a denominação de “Escola Normal”, a primeira do Brasil e da América, instituída através do Ato n.º 10 de 1º de abril de 1835, da Assembleia Legislativa da Província do Rio de Janeiro, sancionada em 04 de abril de 1835 (no mesmo ano em que a Vila Real da Praia Grande foi elevada à categoria de cidade com a denominação de Nictheroy, passando a ser a capital da Província do Rio de Janeiro) pelo Presidente da Província Joaquim José Rodrigues Torres, depois Visconde de Itaboraí. Seu sucessor interino, Paulino José Soares de Souza (depois Visconde do Uruguai) nomeou a 27 de junho o primeiro diretor, o Tenente Coronel José da Costa Azevedo, que permaneceu no cargo até 1860” Disponível em:< <http://www.infoiepic.xpg.com.br/historia.htm>>

uma aproximação com as crianças e me fez compreender certas atitudes que tomavam em sala de aula.

Em 1995 me deparei com uma nova situação: trabalhar em horário integral na Creche Escola Tia Alice que se localizava no centro de São Gonçalo/RJ. Atuei no maternal, nos Jardins I, II e III e na Alfabetização. As crianças chegavam pela manhã, umas se despediam com facilidade dos seus responsáveis, outras choravam, mas quando se viam envolvidas em grupo nas atividades recreativas esqueciam por um momento a falta de sua casa.

As crianças estabeleciam pela creche um vínculo quase familiar, já que passavam a maior parte do dia lá. Mais uma vez me deparei com a relação família e escola. Enquanto aprendiam especialmente pela via sensório-motora², desenvolviam noções básicas de convívio como socializar-se, integrar-se e dividir, enfim, aspectos necessários para viver em grupo. Muitas crianças que passaram por esse sistema integral de creche seguiram do maternal à alfabetização, por esse motivo era possível ter uma maior proximidade com elas, já que seus familiares tinham pouco tempo para o convívio.

Minha trajetória na Creche Escola Tia Alice, durou 10 anos. Aprendi na prática que a criança precisa de atenção, de carinho e de alguém que a direcione em suas descobertas. Deparei-me com crianças muito diferentes uma das outras; com diversos arranjos familiares; com muitos problemas pedagógicos, mas foi um momento importante de amadurecimento pessoal e profissional.

Após a saída da creche, no final de 2005 assumi uma turma de Alfabetização na escola Futuro Alternativo, no bairro Trindade, ainda em São Gonçalo/RJ. Foi um ano bem difícil. As crianças dessa turma passavam por sérios problemas familiares como alcoolismo, doenças, mortes, uma série de conflitos pessoais que atrapalhavam parte de seu aprendizado na escola. A turma era pequena e então era possível conhecê-los melhor, de forma individualizada. Nas reuniões os responsáveis traziam todos esses problemas para aqueles encontros e o meu trabalho como professora mais uma vez ia além dos muros da escola, na procura por orientar essas famílias humildes, que não sabiam como agir em certas situações cotidianas. O maior prêmio foi no final do ano, diante dessas dificuldades ver os meus alunos lendo e escrevendo e alguns deles alfabetizando outros.

² Ver mais em PIAGET, Jean. *Psicologia e Pedagogia*. Rio de Janeiro: Forense editora, 1972. 182 p

Permaneci nessa escola por dois anos, depois disso decidi passar mais tempo em casa para acompanhar o desenvolvimento dos meus filhos que até então eram cuidados pela minha mãe. Em 2008 optei por dar aulas particulares em casa e faço isso até os dias de hoje.

No ano de 2010 decidi prestar o vestibular da UERJ para Pedagogia, em que, para a minha alegria, fui aprovada. Sempre me imaginei na Faculdade de Formação esse momento na hora certa. Estou feliz, pois faço o que gosto! A UERJ ampliou minha perspectiva sobre a complexidade do universo pedagógico e aquela jovem desde 1983 vive e revive um constante aprendizado.

A minha trajetória familiar e profissional me levou a escolher como tema de monografia como a relação entre a família e a escola influencia na vida escolar do aluno, pois a todo o momento me deparo com conceitos espontâneos que podem ser aproveitados no ambiente escolar.

Com base principalmente na leitura da *História Social da criança e da família* (2006) de Philippe Ariès, nas concepções abordadas por Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia* (1996) e *Pedagogia do Oprimido* (1987) e no livro *Qualidade do Ensino: a contribuição dos pais* (2000) de Vitor Henrique Paro, a pesquisa tem como tema a relação entre a família e a escola contemporânea no desenvolvimento da aprendizagem do aluno.

Ambas as instituições são fundamentais para o aprendizado nos âmbitos social e cognitivo, através da educação. Com o passar dos anos e com a expansão da modernidade que atravessa as subjetividades, elas se remodelam e se reinventam na busca de diferentes formas de ensinar e de aprender.

O contexto de família que será abordado não está relacionado à concepção padronizada (pai, mãe e filho), mas sim a uma abordagem que acompanha as mudanças do mundo contemporâneo com as diferentes maneiras de composição da família ao longo da história. Portanto, analisar esse novo arranjo de família requer muito cuidado, implica na reorganização do olhar sobre o tema, pois se vive num mundo globalizado, onde a família não segue mais um único padrão ou único modelo. Busca-se refletir como esses componentes familiares podem se integrar na escola e promover uma ação educativa.

A presente monografia se divide em três capítulos. No capítulo um há uma breve análise sobre o conceito de família com o passar dos tempos. O segundo capítulo traz algumas abordagens sobre a importância do envolvimento entre a

família e a escola e o quanto essa relação pode ser benéfica na vida do aluno. No terceiro capítulo há algumas entrevistas que serviram como base para o desenvolvimento desse trabalho.

CAPÍTULO I. Breve análise sobre a família de ontem e de hoje

Ariès (2006) traz uma abordagem histórica da família e da escola para entender o surgimento do conceito de infância que foi o fator principal para a compreensão atual dessas instituições. A concepção de infância nas sociedades tradicionais dos séculos passados não existia. Adultos e crianças eram vistos como iguais no sentido das práticas sociais.

As famílias medievais tinham por missão conservar e manter os valores e a proteção da honra, não exercia nenhuma função afetiva. (ARIÈS, 2006) A criança, muito cedo, ia viver com outra família e muitas vezes não voltava. Para a sociedade medieval, a criança apenas significava o estabelecimento da família, a prosperidade de seu patrimônio e a honra do seu nome. Serviços domésticos lhe eram ensinados como experiência prática. A educação era pautada na aprendizagem e na troca de saberes na realização de ofícios em outros lares. Nas iconografias, Ariès (2006) analisa o desenvolvimento das formas de representação da criança através de imagens religiosas até o seu aparecimento em cenas lúdicas e em conjunto com pessoas de diferentes idades.

Pôde-se perceber nessa evolução o surgimento do sentimento entre pessoas componentes de um mesmo grupo e sua definição de posições hierárquicas no lar. Nos retratos de família era possível analisar essa estrutura pela forma a qual estavam posicionados o pai, a mãe, os filhos e os criados. Logo Ariès (2006, p.143) afirma: "O sentimento da família, que emerge assim nos séculos XVI - XVII é inseparável do sentimento da infância".

Por fim do século XVII, a criança deixa a vida diária com os adultos e a escola substitui a aprendizagem. Ela foi separada num processo de enclausuramento, tipo uma quarentena, que foi promovido pela Igreja. A escola, nessa época não tinha o mesmo aspecto educativo ao qual se conhece hoje. Assim como a família, o meio escolar passou por um processo evolutivo. Primeiramente atendendo apenas a elite e somente depois de um tempo as outras camadas da população.

Durante o século XVIII, a família moderna começou a se tornar mais íntima, discreta e isolada, criando um forte elo formado por pais e filhos; excluíram-se os

criados, os clientes, os servidores e amigos. A família queria o bem estar físico e mental da criança, dando-lhe proteção e amor.

Nos séculos XIX e XX a família passou a se preocupar com o estudo da criança, tomando uma dimensão afetiva, ela passou então a ter um lugar na sociedade:

A substituição da aprendizagem pela escola exprime também uma aproximação da família e das crianças, do sentimento da família, e do sentimento da infância, outrora separados. A família concentrou-se em torno da criança. [...] O clima sentimental era agora completamente diferente, mais próximo do nosso, como se a família moderna tivesse nascido o mesmo tempo que a escola, ou, ao menos, que o hábito geral de educar as crianças na escola. (AIREÈS, 2006, p. 159)

Hoje, segundo Reis (1999, p. 103), o contexto familiar ganhou novos arranjos:

O que antes era função quase exclusiva da família é hoje disseminado por uma vasta gama de agentes sociais, que vão desde a pré-escola até os meios de comunicação de massa, que utilizam a persuasão na imposição de padrões de comportamento, veiculados como normas [...]

Muitas são as formas de se compreender o conceito de família, as definições tradicionais tomam como critérios “restrições jurídicas e legais, aproximações genealógicas, perspectiva biológica de laços sanguíneos e compartilhamento de uma casa com crianças.” (PETZOLD, 1996 apud OLIVEIRA e ARAÚJO).

Sabe-se que a concepção de família é constituída por pelo menos duas pessoas. Segundo Trost (1995 apud OLIVEIRA e ARAÚJO) a definição sobre a família “incluem os casais que se constituíram legalmente, mediante casamento civil e/ou religioso, e também os que apenas optaram por morar juntos, considerando, ainda, os casais heterossexuais e homossexuais”. O grupo familiar, seja ele composto ou não por crianças, se une por um laço de intimidade.

A Constituição Federal brasileira de 1988, art. 226, § 4º, diz o seguinte: “Entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.” Nessa perspectiva não se inclui casais homossexuais.

Hoje o mundo atravessa novos tempos e, como já foi dito, os arranjos familiares se apresentam de diferentes formas:

Em função desta ampliação conceitual sobre família, o termo permite, atualmente, a inclusão de modelos variados de família, para além daquele tradicionalmente conhecido. Os modelos familiares não mais se restringem

à família nuclear que compreendia a esposa, o marido e seus filhos biológicos. Atualmente há uma diversidade de famílias no que diz respeito à multiplicidade cultural, orientação sexual e composições. (TURNER e WEST, 1998 apud OLIVEIRA e ARAÚJO)

As famílias contemporâneas estão cada vez com menos tempo para se dedicarem à educação dos seus filhos, isso em todos os sentidos, tanto na escola, quanto no acompanhamento de seu aprendizado e valores cotidianos. A mídia, principalmente a digital e televisiva, ganham espaço nesse novo arranjo familiar, onde crianças passam a maior parte do seu tempo no computador ou assistindo programas de televisão.

As mulheres conquistaram novos espaços na sociedade, assumindo cargos importantes em profissões que antes não podiam assumir. Saem cedo de casa, muitas vezes separadas ou divorciadas carregam consigo a responsabilidade de sustentar uma casa e fazer o papel de “chefe” da família.

São muitas as configurações das famílias de hoje, pois elas mudaram. Mudanças políticas, econômicas, culturais e sociais fazem parte dessa nova configuração: “A família está inserida na base material da sociedade ou, dito de outro modo, as condições históricas e as mudanças sociais determinam a forma como a família irá se organizar para cumprir a sua função social [...]” (BOCK, 2001, p. 248).

CAPÍTULO II. Abordagens e perspectivas pedagógicas sobre a família e a escola na caminhada do aluno

Os desafios da qualidade da Educação reúnem várias questões políticas, sociais, culturais e econômicas, que influencia direta e/ou indiretamente nos caminhos educacionais a serem percorridos. A escola como instituição de ensino, nesse sentido, se coloca como protagonista do processo que envolve o ser humano e a sua formação. Primeiramente faz-se necessário repensar a educação brasileira. Vive-se num contexto de total desvalorização do professor; escolas com péssimas condições estruturais (instalações, equipamentos, recursos); falta de verba para programas de desenvolvimento estudantil; sistemas avaliativos repetitivos e mecanicistas; enfim, há muitos problemas que se apresentam no cotidiano escolar e que são enfrentados pelos profissionais da educação e pelos alunos.

Cabe ressaltar que esses fatores variam de acordo com o espaço, com o campo em que estão inseridos, mas analisando de forma generalizada, esses são os maiores desafios da qualidade da educação. A escola tenta se manter firme frente a esse quadro de perspectivas desafiadoras e não consegue pensar criticamente quais rumos tem seguido. E nesse amálgama de desafios internos, pouco se fala da dimensão externa e da particularidade individual dos sujeitos mais interessados na aquisição do conhecimento: os alunos. Mas por que eles estão se distanciando do desejo de aprender?

A partir dessa pergunta pode se pensar no papel da família junto à escola na busca por motivos e razões que venham despertar nos educandos a vontade de aprender. Talvez isso pudesse facilitar o trabalho do professor, que teria um aluno predisposto ao estudo e estimulado a ir à escola para adquirir mais conhecimentos e desenvolver seu intelecto. Partindo desses pressupostos, Vitor Henrique Paro em *Qualidade do Ensino: a contribuição dos pais* (2000) analisa o papel da família na trajetória escolar dos alunos do ensino público fundamental, com uma visão voltada às contribuições que essa parceria pode ocasionar aos estudantes e principalmente as posturas e comportamentos diante do quadro de ensino-aprendizagem que podem ser favoráveis à melhoria da qualidade da educação.

Para fundamentação de sua teoria, Paro desenvolveu sua pesquisa por meio de observações e entrevistas num colégio municipal da periferia de São Paulo. A partir dos dados que obtêm, vai apresentando os resultados ao longo do livro.

Uma primeira questão que autor ressalta é sobre duas concepções importantes desenvolvidas por Berger e Luckmann, que faz a associação do mundo da família com a escola quando a criança inicia sua escolarização, a socialização primária e a socialização secundária. A primária é aquela aprendida em casa, no seio familiar, experimentada na infância; a secundária é a experiência da vida em sociedade, externa ao seu lar. Segundo Paro, esses autores veem mais importância na socialização primária porque tem um poder maior de permanência na criança, onde a família aparece como chave desse processo.

Tomando a escola como a socialização secundária, vê-se que para que os conteúdos sejam mais facilmente apreensíveis faz-se necessário compreender as experiências anteriores dos educandos, mas a família também deve propiciar meios que possam contribuir com o desenvolvimento sociocultural do aluno.

No decorrer de sua investigação Paro percebeu que professores, coordenadores pedagógicos, funcionários e direção, atestam a importância da ajuda dos responsáveis para o bom desempenho dos alunos na escola, porém reclamam e dizem que de fato essa participação não acontece.

A perspectiva de análise do autor se deu numa escola municipal de São Paulo, onde a maioria dos pais não é tão capaz de ensinar as tarefas de casa ou de auxiliar de forma eficaz a solucionar os problemas de aprendizagem dos alunos. Grande parte dos professores acredita que os estímulos podem se apresentar de outras maneiras, não necessariamente na forma de letramento e intelectualidade, mas no fazer com que as crianças se mantenham interessadas, na verificação dos cadernos, no acompanhamento de perto dos caminhos que estão sendo percorridos.

Nas entrevistas com os pais o autor analisou que eles percebem a importância da formação escolar na vida da criança, porque acreditam que ela pode se tornar “alguém na vida”, mas, além disso, um fato importante envolto nessa crença é o discurso já incorporado de uma barreira social que, nesse caso, se apresenta sob a condição de “pobreza”, como limite para o desenvolvimento. “Se dar bem ou mal na vida”, a esse respeito, já não está diretamente relacionado à escolaridade, mas sim às oportunidades ou políticas públicas que possam oferecer benefícios à população de classes mais desfavorecidas.

Mas, ainda assim, para a família, a escola é vista como uma instituição formadora de cidadãos e quando o aluno “falha” descarrega-se a culpa nela. E está posta mais uma vez a via de mão-dupla componente da educação.

Muitas são as dificuldades que se apresentam nessa relação família e escola, algumas delas são: pais e/ou responsáveis, trabalham em tempo integral; cuidam de todos os afazeres domésticos e não sobra tempo; delegam funções de cuidado e proteção da criança à terceiros; possuem algum tipo de transtorno mental que dificulta o acompanhamento da criança; não se interessam pelo bem-estar da criança; entre outros.

Segundo Polonia e Dessen (2005) são necessários alguns envoltimentos que a família precisa ter na educação dos filhos, tanto em casa como na escola:

[...] Envolvimento dos pais em atividades de colaboração, na escola. Refere-se à como os pais trabalham com a equipe da direção no que concerne ao funcionamento da escola como um todo, isto é, em programações, reuniões, gincanas, eventos culturais, atividades extracurriculares, etc.[...] Envolvimento dos pais em atividades que afetam a aprendizagem e o aproveitamento escolar, em casa. Caracteriza-se pelo emprego de mecanismos e estratégias que os pais utilizam para acompanhar as tarefas escolares, agindo como tutores, monitores e/ou mediadores, atuando de forma independente ou sob a orientação do professor. [...] Envolvimento dos pais no projeto político da escola. Reflete a participação efetiva dos pais na tomada de decisão quanto às metas e os projetos da escola. (2005, p.307).

Estar na escola, sempre que puder, deveria ser a função de toda família que quer de fato acompanhar o aprendizado do educando. A participação da família é de suma importância para que esse aluno alcance melhor resultado, mesmo quando isso não acontece de forma direta. Às vezes as reuniões são marcadas e não há possibilidade de comparecimento dos responsáveis. Quando isso acontece seria mais cabível ir à procura do professor em outro dia para conversar sobre a criança. É fundamental lembrar que o docente passa todos os dias com a criança e o convívio o torna, muitas vezes, capaz de conhecer as dificuldades e facilidades desse aluno.

Outro ponto importante, que afeta o desenvolvimento do aluno é o ambiente familiar favorável, isto é, a condição econômica, cultural, social e afetiva da família.

Há inúmeros fatores a serem levados em conta na consideração da relação família escola. [...] comportamento das famílias das diferentes camadas sociais em relação à escola. Mesmo na escola pública, famílias de classe média desenvolvem estratégias de participação, tendo em vista a criação de

condições para o sucesso escolar de seus filhos [...]. Nem sempre esses pais se engajam num projeto coletivo de melhoria do ensino e das relações da escola com a comunidade. Além do mais, o nível de escolaridade e a facilidade de verbalização possibilitam a esses pais uma crítica que famílias das classes trabalhadoras não conseguem ou não ousam fazer. (SZYMANSKI, 2010, p.100-101).

Ainda de acordo com Szymanski:

O ambiente familiar é propício para oferecer inúmeras atividades que envolvam a criança numa ação intencional baseada em trocas intersubjetivas que vão se tornando mais complexas, ou envolvendo mais intencionalidades, ao longo do tempo. Famílias que oferecem as crianças e adolescentes mais atividades organizadas, gradualmente aumentando sua complexidade nas quais possam se engajar, gradualmente, facilitam [...] os processos de desenvolvimento (2010, p.29,).

Diante desses argumentos, o ambiente familiar constitui um fator que influencia no processo educativo do aluno, no seu desenvolvimento não só social, como também cognitivo, na aprendizagem, uma vez que não tendo apoio, incentivo da família, a escola passa a ser considerada apenas como um lugar onde filhos são obrigados a ir. Para exemplificar melhor essa situação, o texto de Luiz Antônio S. Baptista (2001), intitulado “A fábula do garoto que quanto mais falava sumia sem deixar vestígios: cidade, cotidiano e poder” conta a história de um garoto de dez anos, morador de uma favela do Rio de Janeiro, que apresentava problemas de aprendizagem, já tinha sido reprovado e mostrava-se indiferente em relação à sala de aula, o que causava o seu fracasso escolar.

Ao ler e analisar a história é possível ver claramente o desencontro entre escola e família, já que o garoto não tinha um ambiente familiar favorável: a mãe não conseguia entender a escola e os professores, ao encaminharem o aluno para a psicóloga, esta apontou como causa do problema a relação entre a família e a escola. Questionada sobre a vida do garoto, a mãe disse que ele não tinha pai e que o criava junto com mais duas crianças. Ela trabalhava dez horas por dia e não tinha tempo para os problemas do garoto. A mãe ainda justificou a dificuldade de aprendizagem dizendo que ele não aprendia nada porque puxou ao pai e aos irmãos, que ele não dava para os estudos e tinha que trabalhar (BAPTISTA, 2001).

Esse exemplo nos deixa claro que a ausência da família pode influenciar no desenvolvimento escolar do aluno. Por esse e outros motivos, é importante que a escola cumpra seu papel, valorizando a participação familiar na vida escolar dos seus alunos, reconhecendo que eles também praticam uma ação educativa, porém,

de uma forma diferente. Por outro lado, quando a família vê a escola como unidade de ensino formadora de cidadãos e agregadora de conhecimentos o resultado para o aluno tende a ser positivo. A transmissão desses valores vai contribuir para uma trajetória escolar baseada no interesse e na confiança.

Como já foi explicitado, é de fundamental importância a interação entre família e escola por trazer relevantes benefícios no desenvolvimento e no processo de aprendizagem do aluno (POLONIA e DESSEN, 2005).

Como forma de promover maior participação da família no processo educativo é necessário que a escola tome algumas ações para tornar essa participação real e efetiva. O primeiro passo é o “reconhecimento mútuo” (SZYMANSKI, 2010). Isto é, a escola valorizar a fala da família, reconhecer seu contexto social, suas particularidades, reconhecê-los como parceiros na educação dos alunos. E a família também reconhecer a importância do papel da escola e apoiá-la no que for preciso.

É necessário ainda que a escola utilize de diferentes mecanismos, estratégias para que o ambiente escolar se torne acolhedor para as famílias, para que elas se sintam à vontade e percebam que são responsáveis pelo desenvolvimento do processo de aprendizagem de seus filhos.

Nas reuniões ou nos momentos em que a escola/professor entra em contato com a família, é importante conversar de forma clara sobre a evolução do aluno, sobre o conteúdo que está sendo aplicado, inclusive instruindo os familiares a como ajudar o aluno caso ele precise. Outro ponto importante é colocar a família a par do projeto político pedagógico da escola, isto é, quais as metas da escola, qual o caminho, quais ações serão tomadas pela escola em prol do desenvolvimento do aluno, porém de uma forma clara, sem o uso de termos técnicos, mas de uma forma com que os familiares fiquem cientes de como a instituição trabalha.

Um fator importante nisso tudo é procurar adaptar as estratégias as particularidades de cada família, ou seja, não discriminar a posição social, cultural da família.

CAPÍTULO III. O professor e sua prática: buscando respostas

Muitas foram as mudanças ocorridas na família e na educação. A maior parte desses acontecimentos ocorreu na Europa, mas tomaram proporções para além do continente que configuram o processo de aprendizagem como eminentemente histórico, psicossocial e cultural. Tem-se nesse novo esquema, da contemporaneidade, três membros articuladores no processo de aprendizagem: aluno, família e escola.

Em *Pedagogia do Oprimido* (1996), Paulo Freire denuncia a opressão e a desumanização que ocorrem na sociedade, convocando-nos a uma posição reflexiva onde o sujeito é autor de sua própria história, podendo funcionar como um agente transformador à medida que também é transformado. No entanto, essa transformação só é possível com a interação de uns com os outros. Nesse caso a família e a escola são instituições fundamentais para a troca de experiências, construção de conhecimentos coletivos que levam à capacidade da mudança. É preciso que os papéis entre a família e a escola estejam bem definidos, pois o professor não tem só a missão de ensinar a ler e a escrever, mas de criar uma consciência crítica para a formação do cidadão.

Freire vê o professor como interventor e mediador do processo de educação, que abrange a complexidade entre o ensinar e o aprender. Em *Pedagogia da Autonomia*, afirma:

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que se conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. (FREIRE, 1996, p. 23)

Embora a escola tenha o compromisso na educação da criança é dentro do âmbito familiar que ela recebe a primeira educação, composta por regras, valores e sentimentos que serão deparados no dia-a-dia, sendo que, para seu pleno desenvolvimento, a criança precisa viver num ambiente de total apoio e dedicação.

Esse meio é fundamental no desenvolvimento da criança, pois ao ter contato com o ensino escolarizado, ela traz consigo experiências e memórias acerca da realidade em que vive, ou seja, seus conhecimentos espontâneos vão mediar a

construção dos sentidos dentro do ambiente escolar (VIGOTSKI, 2005) Para Vigotski essa relação entre os conceitos espontâneos e científicos promovidos pela aprendizagem é de suma importância para o desenvolvimento. Tanto em casa quanto na escola é fundamental a presença de um mediador para incentivar a criança em suas atividades. Tal mediação permite que ela vá além da sua capacidade, atuando em sua Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP).

A Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) desenvolvida por Vigotski está relacionada às possibilidades que a criança tem para se desenvolver. A ZDP está entre o desenvolvimento real (as capacidades intelectuais que já possui) e o desenvolvimento potencial (as capacidades que pode alcançar). As potencialidades para serem alcançadas necessitam da presença do outro que atua como mediador tornando o desenvolvimento potencial em real, um ciclo em constante movimento.

É inegável que a participação da família é de grande relevância para a aprendizagem dos discentes, não só acompanhando e vivenciando de perto a escolarização dos filhos, como também oferecendo um ambiente propício ao desenvolvimento. Seria um fator de grande contribuição, mas pela falta de tempo, não conseguem atender às expectativas da escola sobre sua participação na educação escolar. Por esse motivo, às vezes a família é apontada como responsável pelo fracasso escolar do aluno.

De um modo geral quando se questiona sobre a ausência da família na vida escolar do aluno, sua pouca frequência na escola, o professor tem a percepção de que este é um dos fatores que provocam o fracasso escolar. Porém na tentativa de justificar o problema da aprendizagem do aluno, deve-se ter cuidado para que não se culpe sempre a família como responsável por esse insucesso.

Encontrar um culpado para esse fracasso torna-se difícil, porque os professores responsabilizam a família que não participa do acompanhamento nas tarefas de casa, no comparecimento às reuniões, no diálogo com o professor. Por outro lado as famílias enxergam os professores como não aptos ao exercício docente.

Conflitos e problemas são inerentes ao cotidiano do professor, mas isso se coloca como desafio essencial para a sua prática pedagógica. Sua forma de lidar com o inesperado impulsionará uma nova organização dos conteúdos programáticos.

Freire atenta para a concepção de como o professor deve agir diante dessas circunstâncias. O bom senso deve fazer parte de todo o trabalho educativo, independente da personalidade de cada professor:

É o meu bom senso que me adverte de que exercer a minha autoridade de professor da classe, tomando decisões, orientando atividades, estabelecendo tarefas, cobrando a produção individual e coletiva do grupo não é sinal de autoritarismo de minha parte. É a minha autoridade cumprindo o seu dever. (FREIRE, 1996, p. 61)

Família e escola não devem se colocar em lados opostos. Esses conflitos podem causar afastamentos que prejudicam a vida escolar do aluno. O diálogo é primordial para a resolução de problemas que surgem no decorrer do ano letivo. Quando o aluno encontra na escola um ambiente acolhedor, uma extensão de sua própria casa, certamente alcançará melhores resultados na aprendizagem.

Entre o ensinar e o aprender, o professor se depara com os avanços da ciência e com um mundo que está em constante transformação. Seu trabalho cotidiano é permanentemente construído e direcionado por sua formação teórico-prática. Ator e mediador da relação entre o meio sociocultural e os saberes escolares, o professor deve sempre se reconstruir em função das transformações sociais. Diante disso o docente deve estar preparado para lidar com a complexidade dos tempos e do surgimento de novas e diferentes formas e condições de ensinar e aprender. Toda essa heterogeneidade social, consequência das diferenças culturais e econômicas, amplia a perspectiva de ensino-aprendizagem, tornando-a algo desafiador.

A participação ativa da família interfere no desenvolvimento e no processo de ensino-aprendizagem do aluno, uma vez que ambas as instituições, família e escola, se reconhecem como praticantes de uma ação educativa. Nem sempre é possível uma real interação entre o professor e a família. Muitas são as causas desses desencontros. Somente através de uma pesquisa detalhada, seria possível levantar dados que levassem ao estudo dessas causas. Os rumos da história servem como ferramenta de reflexão e análise dos caminhos que hoje deveriam ser seguidos. Escola e família assumiram novos sentidos na contemporaneidade, o que configura também novos sujeitos atuantes no meio social.

Para compreender melhor essas relações, decidi ir atrás dos sujeitos da minha proposta de pesquisa. Resolvi observar por um mês uma escola privada, no

município de São Gonçalo, especificamente o primeiro segmento do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano). Procurei estar lá nos horários de chegada dos alunos, às 13h30min, momento em que fui anotando alguns questionamentos, tais como: com quem os alunos vão para a escola? Se acompanhados, como agem estes adultos quando deixam a criança no portão da escola? Entram e procuram falar com algum docente e/ou outro profissional da educação? O uso da condução escolar é predominante?

Observei que a grande maioria dos alunos chegou à escola no transporte escolar, alguns apareceram com suas mães, irmãs ou avós, vi poucos acompanhados dos pais (figura masculina). Nas três primeiras semanas, observei que apenas duas mães pediram para entrar e falar com a professora. Geralmente elas se despedem no portão, cumprimentam a inspetora, confirmam o horário da saída e vão embora. Um pequeno grupo de cinco responsáveis sempre se reunia no portão da escola, mesmo depois da entrada dos alunos, passavam pelo menos uma hora conversando. Passei alguns dias anotando apenas isso, e depois com a devida autorização da escola, procurei três professoras do 3º, 4º e 5º anos, para uma conversa, com gravador, sobre o tema família e escola.

Tal contato foi sustentado a partir de duas perguntas: como são as relações entre você e os familiares de seus alunos? Como você aproveita os conceitos espontâneos, as vivências das crianças, em sala de aula? A primeira conversa foi com a professora do 3º ano, que possui 20 anos de magistério:

Eu sou uma pessoa que valorizo muito o diálogo entre pais e professores. Acho que todos os responsáveis deveriam acompanhar de perto como o seu filho está na escola, não digo em relação às notas, mas sim como anda o seu aprendizado. Infelizmente, na minha turma, poucos são os presentes, os que vêm até a mim. Minhas reuniões estão sempre vazias, por isso deixo o meu celular disponível para esses que não tem tempo. Quando iniciei como professora tinha apenas que dar os conteúdos, trabalhá-los bem e no final do ano letivo, todos deviam estar sabendo. Com o passar do tempo, meu trabalho foi mudando e tomando outra dimensão. Percebi que as crianças assumiram outro papel na sala de aula: participativo. Começaram a trazer relatos e suas experiências... No outro dia, o menino disse que trabalhava no mercadinho com o pai, estávamos trabalhando matemática (sistema monetário), foi quando aproveitei a sua experiência no mercadinho e desenvolvi minhas atividades.

A fala da professora me remete a pensar no texto *Na vida dez; na escola zero: os contextos culturais da aprendizagem da matemática* (1982) de Terezinha Nunes Carraher, Daavid William Carraher e Analúcia Dias Schliemann. No texto os autores propõem para crianças, dois testes, um formal e outro informal sobre

situações matemáticas as quais estavam acostumados. Ao final dos testes perceberam que o desempenho dos alunos no teste informal foi mais satisfatório, porque não havia a necessidade de colocar a prática em teoria, já no teste formal fez-se o uso de lápis e papel, o que dificultava a resolução das operações, principalmente subtração e divisão:

Os resultados desse estudo exploratório são deveras surpreendentes. Não era de se esperar uma discrepância tão grande entre a performance em contexto informal e em contexto “escolar”. O que podemos concluir desta enorme discrepância?

A primeira constatação é que existem múltiplas lógicas corretas na resolução de cálculos. A escola nos ensina como deveríamos multiplicar e subtrair, somar e dividir; esses procedimentos formais, quando seguidos corretamente, funcionam. Entretanto, as crianças e adolescentes no presente estudo demonstraram utilizar métodos de resolução de problemas que, embora totalmente corretos, não são aproveitados pela escola (CARRAHER, CARRAHER, SCHLIEMANN, 1982, p. 85)

A segunda professora foi a do 4^o ano, que tem cinco anos de magistério:

A maioria das crianças chegam no transporte escolar [...] Tem duas mães que estão sempre por aqui. Gostam de opinar e contar tudo o que seu filho faz em casa. Sinto que elas cobram organização e me pedem que conserte os “erros” que as crianças cometem em casa.

A minha turma conversa todo tempo. Quando assumi essa turma ficava desesperada pedindo para que ficassem quietos e prestassem atenção na aula. Minha preocupação era cumprir com o planejamento, mas como ensinar com aquela bagunça? Resolvi participar da conversa deles, saía de tudo: tiro, polícia, tombo, enfim, fiquei pensando em como aproveitar tudo isso. Então pedi que escrevessem sobre algum desses assuntos, não foi fácil! Alguns têm facilidade na linguagem oral, mas na hora de passar para o papel, não sai uma palavra! Diante desse obstáculo, senti a necessidade de ajudá-los a formar textos partindo das frases.

Vigotski (2005), em sua obra, fala da importância do aprendizado para o desenvolvimento. A postura da professora em tentar encontrar significância no discurso de sua turma corrobora com toda a perspectiva histórico-cultural defendida pelo pensador. As palavras possuem uma dimensão conceitual e estão sempre relacionadas às outras. Para a criança, aprender toda essa dimensão é uma tarefa difícil, compreender o nível de generalidade requer estudo e atenção. Por exemplo, quando se fala em flor. A flor é um todo que pode ser classificada em diversas espécies: margarida, rosa, violeta, faz parte do reino dos vegetais e está dentro de um grupo maior, o grupo dos seres vivos. Assim como na situação em que a professora se depara, começar pela escrita de frases até alcançar o nível de uma

redação é um processo que vai ajudar os alunos a desenvolver a linguagem escrita, os conceitos científicos, que necessitam do condensamento de uma linguagem interior numa linguagem analiticamente desdobrada. Por esse motivo, a fala é essencial porque ela leva a essa linguagem interior, que é basicamente um processo de internalização da fala, onde o pensamento possui uma sintaxe e uma semântica diferenciada. Transformar isso em escrita é um avanço no processo de aprendizagem.

Também conversei com a professora do 5º ano, com oito anos de magistério, que disse:

Ainda não conheço todos os responsáveis dos meus alunos... Leio alguns recados que me mandam na agenda, normalmente sobre comportamento e indisciplina, ou dificuldades na realização das tarefas de casa. Não me sinto próxima deles.

Meus alunos são inquietos e falantes. Se eu deixar, dominam a sala e dão aula no meu lugar! É um caminho extremamente perigoso, esse de deixar que a criança relate sua realidade. Podemos nos deparar com situações de abandono, violência e desamor, que você pensa que só acontecem nas novelas.

É um campo minado para o professor que dependendo da situação relatada pelo aluno, fica na dúvida quanto à veracidade da informação. Até que ponto podemos nos envolver? Por isso, quando surge algum assunto que foge muita da aula eu interrompo a conversa e foco nas atividades.

Nos três depoimentos, embora muito diferentes, uma semelhança pode ser constada: não há a figura do professor rígido e turrão, como aquele representado por Machado de Assis em *Conto de Escola* (2000). Analisando a fala das professoras, lembro-me desse conto, que mostra a realidade de uma instituição brasileira do ano de 1840. Sob um contexto histórico-social conturbado que vivia a sociedade, o ano das Regências e conseqüente posse de Dom Pedro II, Pilar, um aluno, protagoniza uma história em sala aula que transpassa ao leitor as características necessárias para a compreensão da relação professor-aluno do século XIX.

Pilar é o narrador desta história e suas palavras soam como lembranças de um tempo não “muito bom”. Com um pai “rígido e intolerante”, o menino é alvo de projeções e expectativas de um futuro basicamente traçado. Portanto, a alegria de brincar não faz parte da educação do personagem e a escola é fundamental para que esse aluno faça jus aos sonhos de seu pai.

Escola, nesse aspecto, é um lugar de obrigação para Pilar, que também encontra cotidianamente uma figura masculina tão opressora e soberana quanto o seu pai: o professor. Ele se mantém como o centro do processo escolar e busca controle e manipulação de sua classe, evitando ao máximo que algo destoe do calculado ou que surjam perguntas que vão além dos recursos metodológicos que dispõe, sempre com uma postura amedrontadora, porém cabível à época.

Nesse contexto o aluno é um mero espectador, não podendo participar de modo a contribuir com experiências ou opiniões, caso bem exemplificado nesse conto de Machado de Assis, onde o castigo físico funciona como um recurso poderoso, exercido na palmatória:

Estendi-lhe a mão direita, depois a esquerda, e fui recebendo os bolos uns por cima dos outros, até completar doze, que me deixaram as palmas vermelhas e inchadas. Chegou a vez do filho, e foi a mesma coisa; não lhe poupou nada, dois, quatro, oito, doze bolos. Acabou, pregou-nos outro sermão. Chamou-nos sem-vergonhas, desaforados, e jurou que se repetíssemos o negócio apanharíamos tal castigo que nos havia de lembrar para todo o sempre. E exclamava: Porcalhões! Tratantes! Faltos de brio! (ASSIS, 2000, p. 6)

Ao fim do texto pode-se perceber na fala de Pilar que a magia da ludicidade se apaga nos muros da escola e a rua é o refúgio de toda opressão. Com as calças amarelas sujas, porém com um dia divertido ao som do tambor dos fuzileiros navais, Pilar se lança ao mundo, onde por um único momento encontra a liberdade e a magia de ser criança:

Na rua encontrei uma companhia do batalhão de fuzileiros, tambor à frente, rufando. Não podia ouvir isto quieto. Os soldados vinham batendo o pé rápido, igual, direita, esquerda, ao som do rufo; vinham, passaram por mim, e foram andando. Eu senti uma comichão nos pés, e tive ímpeto de ir atrás deles. Já lhes disse: o dia estava lindo, e depois o tambor... Olhei para um e outro lado; afinal, não sei como foi, entrei a marchar também ao som do rufo, creio que cantarolando alguma coisa: Rato na casaca... Não fui à escola, acompanhei os fuzileiros, depois enfiei pela Saúde, e acabei a manhã na Praia da Gamboa. Voltei para casa com as calças enxovalhadas, sem pratinha no bolso nem ressentimento na alma. (ASSIS, 2000, p. 7)

A leitura e a interpretação do conto ajudam a traçar um paralelo da educação num exercício de reflexão, comparação e debate. Certos métodos de avaliação, repetição, tradicionalidade, soberania exacerbada do docente, enfim, são alguns dos motivos que causam monotonia nos alunos, que enxergam a escola como uma

verdadeira obrigação, não muito diferente do sentimento do personagem Pilar do ano de 1840, apesar das mudanças ocorridas no âmbito da educação.

A inocência da infância e a descoberta curiosa da adolescência influenciam diretamente o processo ensino-aprendizagem. A prática vai ditar as possibilidades metodológicas que o professor poderá aplicar e, com uma base epistemológica, com concepções sobre o ensinar e o aprender dará seu tom a esse processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi exposto no trabalho, foi possível perceber a importância da interação, participação da família na vida escolar dos alunos, identificando que a participação ativa da família interfere no desenvolvimento e no processo de ensino aprendizagem no aluno, uma vez que ambas as instituições, família e escola, se reconhecem como parceiras no processo de educação.

É verdade que na prática, nem sempre é possível o professor/escola manter um diálogo com a família. Em todas as etapas da vida escolar dos alunos, a interação entre o professor e a família tem se tornado cada dia mais escasso, pois por muitos motivos, que já foram citados, não há acompanhamento da vida escolar de seus filhos, que passam a maior parte do tempo em creches ou sob cuidados de outras pessoas.

O que fica para ser refletido é a falta de interesse do professor em relação à vida do aluno. Os profissionais da Educação vivem em um contexto de insatisfações, como más condições de trabalho, carga horária extensa, baixa remuneração e desvalorização. Por esses motivos muitas vezes deixam que os alunos sofram as consequências desses problemas.

A monografia não dá conta da relevância que o universo da Educação possui. Há um longo caminho ainda a ser percorrido no sentido de compreender que pessoas estão sendo formadas nas escolas e que educação se quer para o futuro. Será que a instituição familiar tende a se tornar cada vez mais escassa no acompanhamento de seus filhos na escola? Isso é uma questão de reflexão e talvez da necessidade de uma reforma na Educação brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. *Conto de escola*. Disponível em:

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000191.pdf>> Acesso em: 20/03/2014.

UNAMA: Amazônia: 2000

ARIÈS, Phillppe. *História social da criança e da família*. Tradução de Dora Flaksman. 2º Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BAPTISTA, Luís Antônio dos S. *A fábula do garoto que quanto mais falava sumia sem deixar vestígios*. Psicologia e Educação: Novos caminhos para a formação. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2001. P. 195 – 209.

BOCK, Ana Mercês Bahia. Família o que está acontecendo com ela? In: ----- et al *Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia*. São Paulo: Saraiva 2001.

CARRAHER, Terezinha Nunes; CARRAHER, Daavid William; SCHLIEMANN, Ana Lúcia Dias. *Na vida dez; na escola zero: os contextos culturais da aprendizagem da matemática*. São Paulo: Cad, Pesq. (42): 79 – 86, Agosto, 1982.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista e ARAÚJO, Claisy Maria Marinho. A relação família-escola: intersecções e desafios. *Estudos de Psicologia*, volume 27, número 1. Campinas, Jan./Mar. 2010.

PARO, Vitor Henrique. *Qualidade do Ensino: a contribuição do país*. São Paulo: Xamã, 2000.

PIAGET, Jean. *Psicologia e pedagogia*. Rio de Janeiro: Forense editora, 1972. 182 p

POLONIA, Ana da Costa e DESSEN, Maria Auxiliadora. Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola. *Psicologia Escolar e Educacional*, 2005. Número 2, 303-312.

REIS, José Roberto Tozoni. Família, emoção e ideologia. In: LANE, Silvia T. M; CODO, Wanderley (orgs.). In: LANE, Silvia T, M, e GODO, Wanderley (org.). *Psicologia Social: O homem em movimento*. São Paulo/SP: Brasiliense, 1999.

SARAIVA, Lisiane Alvim e WAGNER, Adriana. *A relação família-escola sob a ótica de professores e pais de crianças que frequentam o Ensino Fundamental*. Rio de Janeiro: v. 21, n. 81, p. 739 – 772. *Ensaio: avaliação e Políticas Públicas em Educação*, out. / dez. 2013.

SKYMANSZKI, Heloisa. *A relação família/escola: desafios e perspectivas*. Brasília: Liber Livro, 2010. 136 p.

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.



Rua Dr. Francisco Portela, 1470 - Patronato
Cep 24435-005 - São Gonçalo - RJ
<http://www.ffp.uerj.br>